



**CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM
RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA: RETRATOS DA PUBLICAÇÃO
BRASILEIRA**

**THEORETICAL AND METHODOLOGICAL PATHS OF RESEARCH IN
CORPORATE SOCIAL RESPONSIBILITY: PORTRAITS OF BRAZILIAN
PUBLICATION**

Simone Alves Pacheco de Campos

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
simone.campos@ufsm.br

Tatiane de Andrade Neves Hörbe

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
tatianehorbe@gmail.com

Vanessa de Campos Junges

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
vanessadecamposjunges@gmail.com

Rúbia Goi Becker

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
rubiagoibecker@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como propósito traçar o perfil teórico e metodológico da produção acadêmica brasileira sobre Responsabilidade Social Corporativa nos últimos anos. Realizou-se um estudo de caráter bibliométrico, utilizando-se as bases de dados Scielo e Spell, considerando o período de 2011 a 2017. Foram identificados 242 artigos publicados nesse período, dos quais 164 enquadraram-se nos critérios de análise. No que tange a abordagem metodológica, buscou-se conhecer e categorizar os objetivos das pesquisas de RSC, no qual destacaram-se os artigos com objetivos voltados a ações e práticas de RSC, estratégias de RSC, gestão de

RSC e indicadores de RSC. A maior parte das publicações caracterizam-se como estudos empíricos, de cunho qualitativo, que utilizam o estudo de caso e análise documental. Quanto ao perfil teórico, predominam abordagens teóricas integradoras, que concentram a análise no nível institucional, cujo foco central dos estudos reside nas relações entre empresa-meio, e enquadram-se na perspectiva funcional.

Palavras-Chave: Responsabilidade Social Corporativa; Abordagens teóricas de RSC; Produção Acadêmica Brasileira.

Abstract

This article aims to define the theoretical and met methodological profile of Brazilian academic production on CSR field in recent years. In order to do so, a bibliometric studied was conduct by using Scielo and Spell databases, regarding the period from 2011-2017. A total of 242 articles were published during this period, and 165 met the previously established analyses criteria. Regarding the methodological approach, in relation to the objectives, the e articles focused on the CSR actions, practices and strategies; most of the publications are qualitative empirical studies that use the case study as a research design and documentary analysis as a technique for data collection. Concerning to the theoretical basis, Brazilian's CSR studies are characterized by the adoption of integrative theoretical approaches, which concentrate the analysis at the institutional level, which apply the Functional perspective.

Keywords: *Corporate social responsibility; Theoretical approaches to CSR; Brazilian academic production.*

1. Introdução

A temática de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) vem conquistando espaço considerável de discussão e reflexão, tanto na academia quanto no ambiente empresarial. No contexto brasileiro, conforme mostram Freire, Santos, Souza & Rosseto (2008), o número de artigos publicados no país sobre o tema evoluiu de onze na década de 90, para 282 no período de 2000 a 2007, representando um salto quantitativo. Corroborando com essa ideia, Laplume, Sonpar & Litz (2008) destacam que os principais avanços em termos de publicações sobre RSC datam da década dos anos 2000, no qual o período pós-1999 foi rotulado como o período de 'maturidade' da RSC. No geral, esse campo cresceu significativamente e hoje contém uma grande proliferação de teorias, abordagens e terminologias. Devido a multidisciplinariedade,

característica desta área, existe falta de consenso sobre a definição, os limites teóricos, bem como sobre a classificação apropriada de suas teorias (Frynas & Yamahaki, 2016).

Anteriormente, Hopkins (2003) já apontava que uma das soluções para este problema, que envolve o dissenso no campo temático, reside na compreensão das correntes teóricas e na definição das orientações paradigmáticas que embasam os múltiplos conceitos. Ao longo do tempo, alguns estudos vêm sendo desenvolvidos, a fim de oferecer diferentes critérios para categorizar as teorias de RSC. A exemplo, citam-se os trabalhos de Garriga & Melé (2004), Secchi (2007), Gond & Matten (2007) e Aguinis & Glavas (2012), os quais serão utilizados como embasamento teórico deste trabalho, e que analisam a teoria de RSC quanto a suas abordagens, o papel da empresa, as perspectivas ou paradigmas de RSC e o nível de análise, respectivamente.

Via de regra, percebe-se que a literatura de RSC vem seguindo uma abordagem mais tradicional, desenvolvendo-se teórica e metodologicamente de acordo com as bases estabelecidas no paradigma funcionalista (Gond & Matten, 2007). Gond & Matten (2007) defendem que, para avançar conceitualmente, são necessárias abordagens teóricas que reconheçam as múltiplas perspectivas alternativas sobre a relação entre corporação e sociedade, e suas responsabilidades emergentes. Os autores supracitados sugerem o reconhecimento de alternativas ao modelo dominante de empresa e sociedade encontrado na literatura sobre RSC, pelo reconhecimento de que todos os conceitos tentam descrever fenômenos localizados na intersecção entre negócios e sociedade.

No que tange a produção acadêmica brasileira, apesar do crescimento do número de publicações, o campo da RSC como prática social e como objeto de investigação científica, ainda está em formação no País (Moretti & Campanário, 2009). Os autores ressaltam a existência de uma fragmentação na produção, baseada em um reduzido espectro de referenciais teóricos, os quais apresentam esquemas interpretativos, a partir de abordagens estrangeiras sobre o tema, com pouca contribuição para um aprofundamento específico da área, revelando o que os autores chamam de síndrome de zona de conforto intelectual nas pesquisas sobre o assunto (Moretti & Campanário, 2009).

Deste modo, com a intenção de contribuir para o desenvolvimento do campo científico de RSC no contexto brasileiro, o presente trabalho tem como objetivo traçar o perfil teórico e metodológico da produção acadêmica brasileira sobre Responsabilidade Social Corporativa dos últimos anos. A partir disso, pretende-se pôr em relevo o desenvolvimento do campo de conhecimento sobre a temática em foco, evidenciando-se, por esta via, a construção das trajetórias de estudo desenhadas nas opções conceituais e metodológicas dos diversos autores

que se voltam para o tema.

Neste propósito, o artigo encontra-se estruturado em cinco seções. A primeira delas refere-se a esta introdução. A seção 2 uma revisão teórica sobre os caminhos teóricos para a compreensão da responsabilidade social corporativa. A seção 3 informa o objetivo do estudo e os encaminhamentos metodológicos quanto à obtenção e análise dos dados. A seção 4 apresenta os resultados obtidos com o estudo, no qual primeiramente expõem o perfil metodológico seguido da apresentação do perfil teórico das publicações em RSC. Por fim, a seção 5 conclui o artigo por meio da síntese das principais descobertas realizadas durante o estudo das publicações, de proposições para avanço de estudos desta natureza, e sobre os temas em foco.

2. Os caminhos teóricos para a compreensão da responsabilidade social corporativa

Os estudos sobre RSC cresceram tanto no Brasil como no exterior, principalmente a partir da década de 90, incentivados por uma expansão dos cursos de pós-graduação em administração, pelo aumento do estímulo feito pela CAPES e devido à convenção Rio 92 (Azim, 2016; Souza & Ribeiro, 2013). Contudo, mesmo com a crescente importância da RSC, tanto no meio acadêmico como no meio empresarial (Waller & Lanis, 2009), não se vem encontrado um consenso relativo ao seu conceito (Carroll, 1999; Turker, 2009).

Neste interim, Hopkins (2003) afirma que, sem uma linguagem comum, não se pode determinar se o diálogo acerca da RSC é ouvido e interpretado de forma consistente por todos os atores em interação. Uma das soluções para este problema, que envolve o dissenso no campo temático, reside na compreensão das correntes teóricas e na definição das orientações paradigmáticas que embasam os múltiplos conceitos.

E, neste sentido, é importante o trabalho realizado por Secchi (2007). O autor enfatiza a existência de uma grande heterogeneidade de teorias e abordagens para a compreensão da RSC, em parte devido a sua natureza multidisciplinar. Desta forma, Sechi (2007) apresenta uma proposta de classificação das abordagens teóricas de acordo com o papel conferido pelos estudos à empresa/organização. Partindo desta premissa, têm-se três grupos de teorias: (i) utilitárias, nas quais a organização é considerada como uma ‘caixa preta’ de maximização, originando, daí, questões relacionadas às externalidades e aos custos sociais; (ii) gerenciais; em que as questões de responsabilidade social são tratadas dentro da empresa (perspectiva interna); e, (iii) relacionais, nas quais o foco central reside nas relações entre empresa-meio.

No que tange às abordagens teóricas, acrescenta-se a esta discussão a contribuição de Garriga & Melé (2004), que sistematizam a teoria em torno do tema em quatro grupos ou

dimensões similares. O primeiro grupo refere-se às abordagens que tratam a organização como um instrumento para a criação de riquezas, pois entendem a RSC como um meio de obtenção de lucros (teorias instrumentais). O segundo grupo das abordagens nas quais se enfatiza o poder social das organizações, especialmente em sua relação com a sociedade e sua responsabilidade na arena política (teorias políticas). O terceiro grupo refere-se àquelas abordagens que argumentam que a existência, a continuidade e o crescimento dos negócios dependem da sociedade, e, por isso, as organizações devem integrar demandas sociais (teorias integradoras). O quarto grupo é aquele que enfatiza a relação entre as organizações e a sociedade mediante a incorporação de valores éticos (abordagens éticas) (Garriga & Melé, 2004).

Visando mapear o campo e traçar perspectivas de pesquisa, mostrando também as lacunas existentes na literatura, Aguinis & Glavas (2012) realizaram uma revisão acerca da evolução dos estudos sobre responsabilidade social corporativa em uma pesquisa envolvendo 588 artigos e 102 capítulos de livros, e a partir disso apresentaram uma proposição acerca dos níveis de análise sob os quais a RSC tem sido estudada: institucional, organizacional e individual. Eles salientam que, atualmente, o debate em torno da responsabilidade social corporativa tem se centrado, principalmente, no nível organizacional e institucional, em especial no que diz respeito aos resultados estratégicos e às motivações organizacionais para comportamentos socialmente responsáveis (Aguinis & Glavas, 2012).

Nicolopoulou (2011) ressalta que a RSC abrange multiplicidade de componentes, além das três dimensões características do *mainstream* do *triple-bottom line* (Elkington, 1994). Este é o ‘lugar comum’ de um imenso repertório de conceitos sobre quais práticas empresariais são relevantes ou não. E, neste sentido, Gond & Matten (2007) afirmam que, o avanço conceitual depende de abordagens que reconheçam as múltiplas perspectivas e alternativas sobre a relação entre corporação e sociedade e suas responsabilidades emergentes. Tais autores sugerem o reconhecimento de alternativas ao modelo dominante de empresa e sociedade encontrado na literatura sobre RSC, pelo reconhecimento de que todos os conceitos tentam descrever fenômenos localizados na intersecção entre negócios e sociedade.

Contudo, nota-se ainda que a RSC tem tido um desenvolvimento teórico e metodológico alinhado ao paradigma funcionalista (Gond & Matten, 2007; Taneja, Taneja & Gupta, 2011), apresentando, assim três pontos centrais: (i) as empresas são consideradas como a principal unidade de análise; (ii) a busca e a construção de um sistema unificado integrador e mensurável; (iii) a relação de RSC com a performance financeira (Gond & Matten, 2007). O *mainstream* de RSC, ou seja, a linha funcionalista de estudos tem se desenvolvido com base

em fundamentos desenvolvidos em contextos de mercados de economia liberal, países desenvolvidos (Richter, 2010). Visando, assim, oferecer alternativas teóricas e metodológicas, Gond e Matten (2007), a partir da transposição da proposta de Burrell & Morgan (1979) para a RSC, identificam quatro campos de pesquisa: (i) função social; (ii) relação de poder; (iii) produto cultural; (iv) construção sociocognitiva. Eles apresentam, como maior contribuição, possibilidades de combinar as diferentes perspectivas de modo a abrir novos caminhos para o entendimento tanto da reponsabilidade social quanto das relações entre empresas e sociedade.

A perspectiva de função social abrange os conceitos e teorias que retratam as empresas como necessidades sociais da sociedade em determinado período, ou seja, um dispositivo regulador para gerir a interface com a sociedade a partir da união entre objetivos societais e corporativos. A RSC como relação de poder, enfatiza o ponto de vista sociopolítico. Nesta abordagem, corporações e sociedade lutam continuamente para obter controle sobre os recursos e determinar a natureza do relacionamento, que é caracterizado por lutas, conflitos e dominação. Como produto cultural, a RSC reflete a noção de que os valores são compartilhados entre corporação e sociedade, assim, é entendida a partir dos relacionamentos desejáveis entre as empresas e a sociedade, de modo a refletir ambientes culturais, institucionais, políticos e sociais, sendo que seu significado depende de seu contexto, não sendo algo universalmente imposto. Por fim, como construção sociocognitiva salienta-se a subjetividade e reconhece representações sociais, valores e crenças entre empresa e sociedade, enfatizando a mudança social e as realidades sociais envolvidas na mudança, em que os atores constroem e moldam continuamente suas relações com as corporações.

3. Procedimentos metodológicos

O presente trabalho tem como objetivo traçar o perfil teórico e metodológico da produção acadêmica brasileira sobre Responsabilidade Social Corporativa dos últimos anos. Como fonte de origem dos trabalhos foi utilizado as bases de dados Scielo e Spell. O critério de busca apoiou-se no uso de palavras-chave, utilizando as seguintes expressões: “responsabilidade social” e “responsabilidade social corporativa”. O período de coleta de dados ocorreu nos meses de novembro de 2017 a fevereiro de 2018, abrangendo os anos de 2011 a 2017.

Foram identificados um total de 242 artigos, os quais tiveram seus resumos analisados, passando, posteriormente, por uma vistoria técnica sobre toda a sua estrutura, a fim de se verificar a adequação destes artigos ao estudo. Neste sentido, ao se proceder a leitura inicial para avaliação, foram excluídos 78 artigos da análise decorrente dos seguintes critérios: (i)

adequação temática; (ii) não estarem ligados a periódicos nacionais; (iii) estarem repetidos nas duas bases de dados investigadas; (iv) tratem-se de levantamentos bibliométricos e/ou meta análises. Portanto, dos 242 artigos levantados, permaneceram 164 estudos que passaram a compor as análises que seguem.

A posteriori a classificação dos artigos, sucedeu-se a análise dos dados apoiando-se na técnica de análise de conteúdo do material (Bardin, 2014), objetivando delinear a produção acadêmica brasileira em RSC, levando em consideração as seguintes variáveis: (i) análise do cenário de publicações e perfil metodológico; e, (ii) perfil teórico. No processo de análise do cenário de publicações e perfil metodológico, inicialmente foi considerado a quantidade de publicações por Ano e Periódicos. Quanto as abordagens metodológicas, inicialmente buscou-se conhecer e categorizar os objetivos das pesquisas de RSC com base nos conceitos, teorias e referências utilizadas pelos mesmos. Na sequência, o levantamento do perfil metodológico categorizou os artigos quanto ao tipo de pesquisa, método, delineamento de pesquisa e métodos de coleta de dados. Quanto ao tipo de pesquisa, estas podem ser divididas em dois grupos: Empíricas e Teóricas. A pesquisa empírica implica na experimentação ou observação do que está acontecendo e, a partir das evidências coletadas, gera conclusões que introduza um novo conhecimento na linha do objeto estudado. Já a pesquisa teórica é um exercício de característica intelectual, baseado em estudos anteriores, e onde se desenvolve uma nova ideia ou um *framework* sobre o objeto estudado, normalmente não incluindo a coleta de evidências (Remenyi, Willians, Money & Swartz, 1998). Quanto a abordagem da pesquisa, em Ciências Sociais, esta pode ser qualitativa, quantitativa, ou a combinação de ambas. Na pesquisa qualitativa, o processo de construção do conhecimento é indutivo; enquanto na pesquisa de natureza quantitativa, este processo é dedutivo (Goulart & Carvalho, 2005).

Após a definição da abordagem de pesquisa, segue-se a escolha do delineamento metodológico. Na pesquisa qualitativa, são estratégias de pesquisa: estudos de caso, pesquisa-ação, história de vida, história oral, biografia, *grounded theory*. Na pesquisa quantitativa, citam-se: estudos experimentais, os levantamentos ou *surveys* (Nassif et al., 2009; Moraes, Valadares & Emmenoderfer, 2013). Para traçar o perfil teórico categorizou-se os estudos de acordo com: i) Abordagens Teóricas; ii) Papel conferido pelos estudos à empresa/organização; iii) Nível de análise; e, iv) Perspectivas adotada. Em síntese, o Quadro 1 apresenta as categorias de análise, subcategorias e os autores utilizados de base para avaliação do perfil teórico das publicações de RSC.

Categorias de Análise	Subcategorias	Definição	Autores
Abordagens Teóricas	Instrumentais	Entendem a RSC como um meio de obtenção de lucros	Garriga & Melé (2004)
	Políticas	Abordagens nas quais se enfatiza o poder social das organizações.	
	Integradoras	Consideram que as organizações devem integrar as demandas sociais.	
	Éticas	Entendem a relação entre as organizações e a sociedade mediante a incorporação de valores éticos.	
Papel conferido pelos estudos à empresa/organização	Utilitarista	Questões relacionadas às externalidades e aos custos sociais.	Secchi (2007)
	Gerenciais	Questões de RSC são tratadas dentro da empresa (perspectiva interna).	
	Relacionais	Foco nas relações entre empresa-meio.	
Nível de Análise	Organizacional	Organizações aderem a práticas de RSC principalmente por razões instrumentais, esperando resultados financeiros.	Aguinis & Glavas (2012)
	Institucional	As ações e a influência dos stakeholders é um importante preditor das ações e políticas de RSC.	
	Individual	Motivos normativos influenciam o engajamento em práticas de RSC.	
Perspectivas de RSC	RSC como Função Social	RSC como função regulativa, criada em última análise para a integração dos objetivos da corporação e da sociedade.	Gond & Matten (2007)
	RSC como Relação de Poder	RSC como cristalização da relação de poder entre a corporação e a sociedade.	
	RSC como Produto Cultural	RSC como conjunto de representações e discursos que refletem fatores locais, organizacionais, institucionais, nacionais e culturais.	
	RSC como Construção Sociocognitiva	RSC como compromisso provisório, uma ordem negociada, incorporada e suportada por dispositivos e práticas trabalhadas por atores sociais.	

Quadro 1- Categorias e subcategorias de análise do Perfil Teórico das Publicações de RSC

Fonte: Baseado em Garriga & Melé (2004), Secchi (2007), Aguinis & Glavas (2012), Gond & Matten (2007).

4. Apresentação e análise dos dados

Os resultados da pesquisa foram divididos em duas seções: i) apresentação do cenário das pesquisas e análise do perfil metodológico em RSC; e ii) análise do perfil teórico das pesquisas em RSC.

4.1 O que buscam nossos pesquisadores? Uma análise do perfil metodológico das pesquisas em RSC

O escopo desta seção será apresentar os dados referentes à análise do cenário de publicações da produção acadêmica brasileira sobre RSC de 2011 a 2017, sob a perspectiva do número de publicações por Ano e Periódicos. Bem como, traçar o perfil metodológico das

publicações da produção acadêmica brasileira sobre RSC. Visto isso, passa-se a apresentação dos indicadores temporais das publicações analisadas, em que a Figura 1 evidencia a distribuição dos 165 artigos ao longo do período investigado.

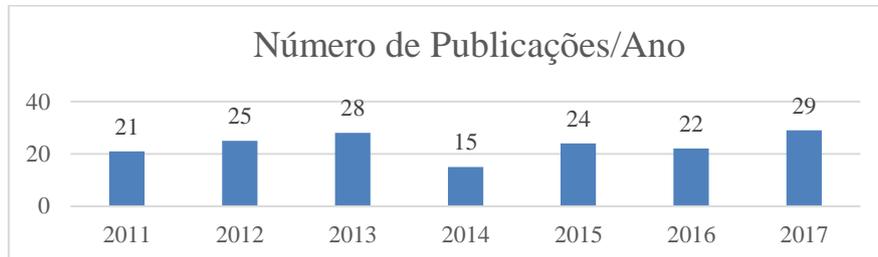


Figura 1 - Distribuição por ano da Produção Acadêmica Brasileira sobre Responsabilidade Social Corporativa

Fonte: Dados da Pesquisa.

Observa-se que nos últimos sete anos houve um crescimento da produção científica sobre a temática de RSC, registrando 38,09% de aumento entre os anos de 2011 e 2017, sendo este último, o ano com maior número de publicações (29 artigos publicados). Mesmo evidenciando alguns períodos de queda nas pesquisas em RSC (2014 e 2016), registrou-se uma taxa média de crescimento anual de 4,72%. Neste sentido, acredita-se que desenvolvimento de um campo acadêmico é auxiliado por uma agenda de pesquisa consensual que orienta “o que” resolver e “como” (Kuhn, 1962, 2012). O fato, é que ainda a muito o que se construir no campo de pesquisa científica sobre RSC, principalmente ao reconhecer que as construções bem elaboradas ajudam as comunidades acadêmicas a definir seus limites de campo e moldar a identidade de seus membros (Kuhn, 1962, 2012; Suddaby, 2014). Se os conceitos e construtos não são claramente definidos, os estudiosos não constroem teoria, comunicam-se de forma eficaz e pensam criativamente (Suddaby, 2014), impedindo assim, o desenvolvimento do campo (Pfeffer, 1993).

A linguagem dos primeiros colaboradores de responsabilidade, em artigos que visavam periódicos acadêmicos ou periódicos profissionais, definiam os papéis do gerente nos relacionamentos entre firmas e partes interessadas usando palavras como moralidade, obrigação e dever social (Bowen, 1953; Carroll, 1999; Drucker, 1954). Nos últimos anos, artigos publicados em periódicos de gestão de alta qualidade abriram caminho para novos argumentos e abordagens teóricas que exploraram a RSC.

Os objetivos de um estudo são traçados de modo a evidenciar aquilo que os autores pretendem alcançar. Ao reconhecer que os objetivos definem a finalidade do estudo, a análise destes permite conhecer o amadurecimento do campo em determinada temática, assim como

traçar futuros caminhos a partir da compreensão do conjunto de saberes que o compõe, ou seja, do seu estado da arte.

Para a análise do objetivo geral das pesquisas que definem a produção acadêmica brasileira sobre RSC no período analisado, procedeu-se a categorização temática. Deste modo os objetivos foram categorizados em 14 temas que refletissem os objetivos expressos nos 164 artigos analisados. O Quadro 2 faz a apresentação dos interesses de pesquisa encontrados na amostra de estudos sobre RSC abordada pelos pesquisadores no contexto brasileiro.

Categorias	Descrição	N
Ações e Práticas	Descrição das Ações e Práticas de RSC; Ações Proativas e Reativas; Políticas de RSC; Comunicação e divulgação; alcance das ações; ações de inovação social; Direcionamento das ações e práticas de RSC.	33
Consumo	Comportamento do Consumidor; Consumo Consciente; Percepção de RSC pelo consumidor; decisão de compra.	9
Crítica	Discussão e leitura crítica da RSC; revisão crítica da literatura; articulação de novas abordagens teóricas, questões de ambiguidade sobre a RSC; conflitos entre abordagens teóricas sem RSC.	10
Desempenho	Econômico, Financeiro e Social; Performance; impacto, valorização e efetividade financeira; resultados monetários versus ganho social; ganhos quantitativos.	12
Discurso e Prática	Discurso socialmente responsável; Posicionamento discursivo x conduta prática; análise de discurso.	3
Educação e RSC	Inserção da RSC na educação superior; Entendimento do conceito de RSC; extensão universitária; vínculos entre RSC e instituição de ensino.	5
Estratégia	Integração da RSC à estratégia organizacional; Estratégias de RSC e seus impactos; obtenção de vantagem competitiva por meio de RSC, Estratégia como prática; Desenvolvimento e implementação de estratégia de RSC; alinhamento estratégico da RSC.	20
Gestão de RSC	Implantação, Avaliação, transferência reversa de práticas de RSC. Cultura Corporativa para RSC. Gestão da Cadeia de Suprimentos. Governança Corporativa. Estágios de Desenvolvimento. Gestão Sustentável Integrada; Processo decisório em RSC; Diretrizes de conduta social.	19
Imagem/ Identidade	Percepção da marca; Divulgação de informações sociais; Reputação corporativa; Comunicação corporativa; Construção de identidade; Identificação Organizacional.	9
Indicadores	Crítérios de mapeamento, mensuração, avaliação e verificação de dados e informações relevantes a estrutura de RSC; Balanço Social; Padrões de Normatização; Análise de Relatórios; Diretrizes definidas por entidades externas; Valor da marca.	19
Parcerias Sociais/ Projetos Sociais	Relacionamentos Interorganizacionais, Parcerias e Projetos; Fatores condicionantes da formação e manutenção de parcerias/projetos sociais	6
Questões Éticas	Relações éticas; Condicionantes de Moral no estabelecimento da RSC; Valores; Desafios éticos em meio as relações condicionantes da RSC.	4
Questões Institucionais	Processo de Institucionalização de RSC; RSC atrelada ao ambiente institucional; Acordos institucionais; relação entre RSC comportamento empresarial e formas de capitalismo.	6
RS interna	Gestão Pessoas; fatores de RSC relacionados a motivação e ao envolvimento dos indivíduos no ambiente laboral; participação dos funcionários; relações internas ligadas a construção da RSC; percepção e satisfação dos funcionários relacionados a RSC; Compromisso Organizacional e Engajamento; atração e retenção de funcionários.	9
Total		164

Quadro 2 – Objetivos da produção acadêmica de RSC refletidos em quatorze temas que concentraram a publicação no contexto Brasileiro

Fonte: Dados da Pesquisa.

Deste modo, pode-se observar que, na maioria das pesquisas brasileiras, 55% predominam em quatro grandes linhas de investigação: (i) ações e práticas de RSC (33 trabalhos); (ii) estratégias de RSC (20 trabalhos); (iii) Gestão de RSC (19); e (iv) indicadores de RSC (19). Ao avaliar este cenário, delineado pela pesquisa acadêmica em RSC, observa-se que a abordagem de ações e práticas conduz a estudos que refletem uma análise quase que exploratória do campo na medida em que ainda estão centrados no ‘o que’ as organizações estão fazendo e ‘como’ são consideradas responsáveis. Lindgreen, Swaen & Maon (2009) advertem que muitas ambiguidades cercam o conceito de responsabilidade social, a principal diz respeito a quais práticas de negócios devem ser reconhecidas como responsáveis. Do mesmo modo, ao direcionar os estudos para a integração à estratégia, os pesquisadores demonstram uma tendência natural nos estudos de administração, no que se refere à centralidade de discussões acerca de estratégia, vantagem competitiva e aspectos relacionados ao desempenho apresentado na sociedade de consumo atual.

Nesta abordagem, tem-se muito próximo a orientação da RSC voltada ao viés da gestão e dos indicadores, demonstrando uma forte convergência entre os esforços de pesquisa e o alcance dos interesses organizacionais. Evidencia-se um direcionamento dos estudos de Gestão de responsabilidade social ao abranger do processo de implantação, avaliação, transferência reversa de práticas de RSC e outros interesses ligados ao processo decisório e diretrizes de conduta social. Esse campo de estudo ganhou força no final do século 20, em que a crítica ao raciocínio normativo e agência de gestão, empurrou a responsabilidade corporativa para as margens de estudos de negócios (Bansal & Song, 2017). A utilização de indicadores está voltada aos critérios de mapeamento, mensuração, avaliação e verificação de dados e informações relevantes a estrutura de RSC, fatores que as organizações buscam apoiar-se em relatórios e nas diretrizes definidas por entidades externas para traçar direcionamentos em RSC. Nesta perspectiva, a adoção de uma conduta voltada a RSC pode revelar o interesse das organizações em manter uma interação com a sociedade, subjacente à noção de que os esforços das empresas em matéria de conduta social podem melhorar ainda mais seus valores de mercado, reconhecendo que organizações e sociedade são atores entrelaçados, e não entidades distintas.

Em termos de objetivos de pesquisa, Bansal & Song (2017) argumentam, não se trata de dissuadir os pesquisadores de investigar o caso de negócios - ou seja, vitórias para o negócio e a sociedade - ou sobre a equipe de gestão de alto nível ou explicações institucionais para responsabilidade e sustentabilidade. Longe disso, os autores alegam que o fracasso em refletir profundamente sobre a escolha do construto, como refletido em suas origens, potencialmente

cria pontos cegos para avenidas de pesquisa potencial. Diante disso quando questões de negócios e da sociedade são enquadradas com teorias existentes, as questões são tratadas como qualquer questão de negócio ou contexto social. As percepções únicas que estão na interface dos negócios e da sociedade, como as questões morais e problemas de sistemas, estão sendo perdidas (Bansal & Song, 2017).

Além disso, a convergência para o *business case* arrisca propagar os próprios comportamentos que os pesquisadores da temática de RSC tentam impedir. Ferraro et al. (2005) argumentou que as teorias se tornam profecias autorrealizáveis. Nesse caso, então, os gerentes agem responsavelmente somente se suas práticas estiverem alinhadas com os interesses estratégicos das organizações, ou se espera que gerem lucros. Para Bansal & Song (2017), uma consequência natural é que cada organização buscará crescimento econômico irrestrito, interrompendo os sistemas naturais e sociais. Ao aprofundar as prescrições normativas e as perspectivas dos sistemas, os gerentes e as organizações recebem formas alternativas de ver e conhecer suas relações com a sociedade, e podem, potencialmente, desbloquear novas soluções para problemas crescentes.

Somadas, as pesquisas que direcionaram seus esforços de análise para temas correlatos como outrora mencionados (Consumo, Crítica, Desempenho, Discurso e Prática, Educação e RSC, Imagem/Identidade, Parcerias Sociais/Projetos Sociais, Questões Éticas, Questões Institucionais e RSC Interna) alcançam 73 artigos publicados nos últimos 7 anos (o equivalente acerca de 44% da produção acadêmica no período). Bansal & Song (2017) reafirmam essas análises, ao sublinharem que a pesquisa sobre responsabilidade social é caracterizada por uma espécie de “*strategic and financial turn*”, o qual está em consonância com o mundo empresarial. Para os autores, à medida em que os conceitos de RSC se tornam populares no mundo corporativo, os acadêmicos passam a investigar uma relação entre o desempenho social e financeiro, de modo que, caso atingissem tal feito a utilidade prática da RSC poderia ser finalmente comprovada.

Assim, na medida em que as pesquisas na área de responsabilidade social se desenvolvem, evidencia-se a construção de uma ampla gama de fenômenos organizacionais, os quais são tratados sobre distintas construções metodológicas. O Quadro 3 apresenta o perfil metodológico da produção acadêmica, de acordo com as categorias de objetivos estabelecidos na seção anterior.

Objetivo	Tipo	Abordagem	Delineamento	Coleta
Ações e Práticas	E(29) T(4)	Quali (21); Q/Q (4); Quanti (8)	Desc (17); Desc/Exp (7); Exp (7); Interp (2);	Bibliográfica (2); Bibliográfica/Documental (3); Bibliográfica/Entrevista (1); Bibliográfica/Documental/Entrevista (2); Dados secundários/Observação/Questionário (1); Documental (4); Documental/Entrevistas (1); Documental/Survey (1) Entrevista (4); Entrevista/Questionário (1); Equações estruturais (1); Estudo de caso (7); Hipóteses (1); Survey (4)
Consumo	E (8); T(1)	Quali(4); Quanti(5)	Descritiva (6); Exploratória (3);	Bibliográfica (1); Entrevista/Survey (1); Estudo de caso (2); Experimental (1); Questionário (2); Netnografia (1); Survey (1)
Crítica	E(4); T(6)	Quali(10);	Descritiva (2); Exploratória (8);	Bibliográfico (6); Entrevista (1); Estudo de caso (1); Pesquisa ação (1); Quase etnografia (1)
Desempenho	E(12)	Q/Q (1); Quanti(11)	Descritiva (8); Desc/Exp (2); Exploratória (2)	Bibliográfica/Documental (1); Documental (6); Documental/Survey (1); Dados em painel (1); Observação (1); Quase experimental (1); Séries temporais (1)
Discurso e Prática	E(3)	Quali(3)	Exploratória (3)	Bibliográfica (1); Documental (1); Etnografia (1)
Educação e RSC	E(5)	Quali(5)	Descritiva (2); Desc/Exp (1); Exploratória (2)	Entrevista (3); Estudo de caso (1); Pesquisa ação (1)
Estratégia	E(13) T(7)	Quali(16); Q/Q (3); Quanti (1)	Descritiva (8); Desc/Exp (4); Exploratória (7); Interpretativa (1)	Bibliográfica (7); Entrevista/Questionário (1); Estudo de caso (11); Survey (1)
Gestão de RSC	E(18) T(1)	Quali (7); Q/Q (2); Quanti(10)	Descritiva (8); Desc/Exp (1) Exploratória (10)	Bibliográfica (2); Documental (4); Documental/Entrevista (1); Entrevista (2); Estudo de caso (4); Experimental (1); Questionário (1); Survey (4)
Imagem Identidade	E(9)	Quali(5); Quanti(4)	Descritiva (6); Desc/Exp (1) Exploratória (2)	Bibliográfico/Documental (1); Documental (2); Documental/Entrevista (1); Estudo de caso (1); Survey (4)
Indicadores	E(18) T(1)	Quali(7); Q/Q(3); Quanti(9)	Descritiva (13); Desc/Exp (2); Explicativa (1); Exploratória (3)	Bibliográfica (2); Documental (9); Documental/Survey (1); Entrevista/Questionário (1); Estudo de caso (3); Survey (3)
Parcerias Sociais/ Projetos Sociais	E(6)	Quali(5); Quanti(1)	Descritiva (3); Desc/Exp (1); Exploratória (2)	Estudo de caso (5); Questionário (1)
Questões Éticas	E(1) T (3)	Quali(3); Quanti(1)	Descritiva (1); Exploratória (3)	Bibliográfica (3); Documental (1)
Questões Institucionais	E(4) T(2)	Quali(3); Q/Q (1); Quanti(2)	Descritiva (5); Exploratória (1)	Bibliográfica (2); Documental (2); Estudo de caso (2)
RS interna	E(8) T(1)	Quali(3); Quanti(6)	Descritiva (7); Exploratória (2)	Bibliográfica (2); Documental (2); Estudo de caso (1); Experimental (1); Questionário (2); Survey (1)
Total	E (138); T(26)	Quali (92); Q/Q (14); Quanti (58)	Descritiva (86); Desc/Exp (19); Explicativa (1); Exploratória (55); Interpretativa (3);	Estudo de caso (37); Documental (34); Bibliográfica (26); Bibli./Doc. (5); Bibli./Entrevista(1); Bibli./Doc./Entrevista (2); Dados secun./Obser./Questionário(1); Dados em painel (1); Doc./Entrevista(3); Doc./Survey (3); Entrevista(10); Entrevista/Quest. (3); Entrevista/Survey (1); Equações estrut. (1); Etnografia (1); Experimental (3); Hipóteses (1); Netnografia (1); Observação (1); Pesquisa ação (2); Quase

				etnografia (1); Quase experimento (1); Questionário(6); Séries temporais(1); <i>Survey</i> (18)
--	--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 3 - Perfil Metodológico da Produção Acadêmica Brasileira de RSC

Fonte: Dados da Pesquisa.

Dos 164 artigos analisados, apenas 16% representavam estudos teóricos, tratando-se de um campo predominante do tipo de estudo empírico (84%). Isso pode indicar que ao mesmo tempo em que os pesquisadores encontram um bom suporte empírico para suas pesquisas em RSC, há uma grande lacuna para ser explorada ao reconhecer que os estudos de responsabilidade e sustentabilidade abrangem um território conceitual cada vez mais amplo. Neste escopo, as implicações decorrentes ao baixo índice de estudos teóricos podem impactar no entendimento sobre a RSC, uma vez que a teoria representa uma forma de impor a ordem conceitual à complexidade empírica do mundo fenomenal. Lockett, Moon & Visser (2006) apontam em seus estudos que de 1992 a 2002, 53% dos artigos de RSC publicados em periódicos de gestão foram baseados em dados empíricos, e 89% dos artigos teóricos adotaram uma abordagem não normativa. Nessa perspectiva, Bansal & Song (2017) argumentam que pesquisa sobre sustentabilidade se baseou na análise empírica quase desde a sua criação, evidenciando uma lógica de conformidade diante do cenário brasileiro em publicações.

Seguindo na abordagem metodológica adotada pelos pesquisadores brasileiros, registram-se 92 estudos qualitativos, 58 quantitativos e 14 quali/quantitativos. Nota-se a expressividade de um delineamento descritivo (85 artigos), seguido de um delineamento exploratório (55 artigos) e a utilização de ambas as formas (19 artigos) na operacionalização dos estudos. Frente aos procedimentos de coleta de dados, destaca-se a realização do estudo de caso (22%), pesquisa documental (21%), bibliográfica (16%), diante de outras estratégias de pesquisa (*survey*, entrevista, observação, experimento, etnografia...). Os estudos que adotam mais de uma estratégia para coleta de dados, implicam em 11% dos artigos analisados.

Para finalizar a análise referente ao cenário das publicações brasileiras em RSC e seu perfil metodológico, o Quadro 4 mostra o panorama da produção acadêmica brasileira nos sete periódicos que concentraram o maior número de trabalhos, e que, somados, representam cerca de 30% das publicações.

Periódico	N	Ano	Tipo	Abordagem	Delineamento	Objetivo
Revista de Gestão Social e Ambiental - RGSA (12)	4	2011	E(4)	Quali (3) Quanti (1)	Desc (3) Exp (1)	RSC e consumo (2) Discurso e Prática (1) Educação e RSC (1)
	2	2012	E(1)	Quanti (1) Quali (1)	Desc (1) Exp (1)	Ações e Práticas (1) RSC e estratégia (1)
	2	2013	E (1) T(1)	Quali (2)	Exploratório e Descritivo (1) Descriti (1)	Ações e Práticas (1) RSC e consumo (1)
	1	2015	E(1)	Quanti	Desc	RSC e desempenho
	1	2016	E(1)	Quali	Exp	RSC e Crítica
	2	2017	E(2)	Quanti(1) Quali (1)	Exp(2)	RSC e indicadores (1) Discurso e Prática (1)
Revista de Administração de Empresas - RAE (10)	2	2012	T(1) E(1)	Quali (2)	Exp (2)	Crítica (1) Ações e práticas (1)
	4	2014	E (4)	Quanti(4)	Desc(4)	Ações e práticas (1) RSC e indicadores (2) RSC e imagem/identidade (1)
	1	2015	E(1)	Quanti	Desc	RSC e desempenho
	2	2016	E(2)	Quanti(2)	Desc (2)	RSC e valores (1) RSC e desempenho (1)
	1	2017	E(1)	Quanti	Desc	RSC e questões éticas
Cadernos Ebape (7)	1	2012	E(1)	Quali	Descritivo	RSC e Estratégia
	2	2013	E(1) T(1)	Quali (2)	Exp (2)	RSC e crítica (1) Gestão de RSC (1)
	1	2014	E(1)	Quali	D/E	RSC e estratégia
	1	2015	T(1)	Quali	Exp	RSC e Crítica
	2	2017	E(2)	Quali (2)	Exp(1) Desc (1)	Ações e Práticas (1) Educação e RSC (1)
Brazilian Business Review- BBR (5)	1	2012	E(1)	Quanti	Desc	Gestão de RSC
	1	2016	E(1)	Quanti	Desc	RSC e desempenho
	3	2017	E(3)	Quanti (3)	Desc (3)	RSC e Estratégia (2) RSC Interna
Revista Brasileira de Gestão e Negócios - RBGN (5)	1	2013	E(1)	Quanti	Desc	RSC e Indicadores
	1	2016	E(1)	Quanti	Desc	RSC interna
	3	2017	E(3)	Quanti (3)	Desc (1) Exp (1) Experim (1)	Ações e Práticas (1) Gestão de RSC (1)
Revista de Administração da UFMS - ReA (5)	2	2012	T(1) (1)	Quali (1) Quanti (1)	Exp (1) Desc (1)	RSC e Estratégia (1) RSC e Desempenho (1)
	1	2015	E(1)	Quali	Desc	RSC interna
	1	2016	E(1)	Quali	Exp	Gestão de RSC
	1	2017	E(1)	Quanti	Exp	Gestão de RSC
Revista Eletrônica de Administração - ReAd (5)	1	2015	E(1)	Quali	Desc	Ações e Práticas
	1	2016	E(1)	Quanti	Desc	Ações e Práticas
	3	2017	E (3)	Quanti (1) Quali (1) Q/Qi (1)	Desc (2) Exp (1)	Gestão de RSC (1) RSC e Estratégia (1) Ações e Práticas (1)

Quadro 4 - Panorama dos Periódicos que concentram o maior número de trabalhos publicados

Fonte: Dados da Pesquisa

Neste estudo, o levantamento realizado identificou um total de 80 periódicos que apresentaram alguma publicação sobre a temática, o que evidencia uma dispersão da publicação em RSC no cenário da academia brasileira. É interessante também perceber que,

cerca de 43% destes periódicos (o equivalente a 72 revistas) publicaram, no período analisado até dois artigos. Enquanto que a temática da RSC assume um destaque cada vez maior no mundo empresarial, assim como no cenário acadêmico internacional (Bansal & Song, 2017; Frynas & Yamazaki, 2016), o Brasil evidencia um cenário bastante tímido em relação a esta temática.

Dos sete periódicos que concentraram o maior número de trabalhos de RSC, destaca-se a Revista de Gestão Social e Ambiental- RGSA, Qualis B1 (avaliação do quadriênio 2013-2016), com 12 publicações sobre a temática no período analisado; a Revista de Administração de Empresas (RAE), Qualis A2, com 10 publicações e Cadernos Ebape, Qualis A2, com 7 publicações. Os demais periódicos, Brazilian Business Review- BBR e Revistas Brasileira de Gestão e Negócios- RBGN, de Administração da UFSM- ReA, e Eletrônica de Administração- ReAd apresentaram cinco publicações de RSC no período.

4.2 Perfil teórico da produção acadêmica brasileira de RSC

De acordo com Frynas & Yamahaki (2016), há um crescente interesse na teorização sobre RSC. Este é um aspecto positivo, visto que demonstra um amadurecimento do campo, pois é a partir da teorização que o pesquisador atribui sentido ao mundo. O processo de teorização em um determinado campo de científico organiza as suas bases de conhecimento, e sinaliza os valores sob os quais se assenta a construção do conhecimento (Suddaby, 2014).

Desta forma, partindo do entendimento de perfil teórico enquanto os referenciais que embasam os estudos sobre a temática, buscou-se compreender sob qual conceito de RSC o estudo foi construído. Neste sentido, tal análise amparou-se em classificações de pesquisas anteriores conforme exposto na seção metodológica do presente estudo. Desta forma, apresenta-se, no Quadro 5, os resultados que apresentam o perfil geral da produção acadêmica brasileira no período pesquisado referente à abordagem teórica, centralidade da organização (papel conferido à organização no estudo), nível de análise, e perspectiva paradigmática, em referência às categorias de objetivos outrora estabelecidas.

Objetivos	Nível	Abordagem	Papel	Perspectiva
Ações e Práticas	Individual (1); Institucional (27); Organizacional (5)	Éticas (3); Instrumentais (2); Integradoras (27); Políticas (1);	Gerenciais (6); Relacionais (23); Utilitaristas (4)	Estruturalismo radical (1); Funcionalista (30); Humanismo radical (1); Interpretativismo (1)
Consumo	Individual (2); Institucional (2); Organizacional (5)	Éticas (1); Instrumentais (2); Integradoras (6)	Relacionais (6); Utilitaristas (3)	Funcionalista (9)
Crítica	Institucional (8); Organizacional (2)	Éticas (6); Instrumentais (1); Políticas (3)	Relacionais (9); Utilitaristas (1)	Estruturalismo radical (5); Funcionalista (4); Humanismo radical (1)
Desempenho	Institucional (7); Organizacional (5)	Instrumentais (12)	Utilitaristas (12)	Funcionalista (12)
Discurso e Prática	Institucional (2); Organizacional (1)	Integradoras (2); Políticas (1)	Relacionais (3)	Funcionalista (3)
Educação e RSC	Individual (1); Institucional (4)	Éticas (1); Integradoras (4)	Relacionais (5)	Funcionalista (4); Interpretativismo (1)
Estratégia	Individual (2); Institucional (11); Organizacional (7)	Éticas (1); Instrumentais (7); Integradoras (12)	Gerenciais (1); Relacionais (8); Utilitaristas (11)	Funcionalista (16); Interpretativismo (4)
Gestão de RSC	Individual (1); Institucional (14); Organizacional (4)	Instrumentais (1); Integradoras (18)	Gerenciais (5); Relacionais (13); Utilitaristas (1)	Funcionalista (19)
Imagem/Identidade	Institucional (7); Organizacional (2)	Instrumentais (2); Integradoras (7)	Gerenciais (2); Relacionais (4); Utilitaristas (3)	Funcionalista (9)
Indicadores	Institucional (13); Organizacional (6)	Instrumentais (8); Integradoras (11)	Gerenciais (18); Relacionais (1)	Funcionalista (19)
Parcerias Sociais/Projetos Sociais	Institucional (6)	Integradoras (6)	Relacionais (6)	Funcionalista (5); Interpretativismo (1)
Questões Éticas	Individual (1); Institucional (1); Organizacional (2)	Éticas (4)	Relacionais (4)	Funcionalista (3); Humanismo radical (1)
Questões Institucionais	Individual (1); Institucional (5)	Integradoras (4); Políticas (2)	Relacionais (6)	Funcionalista (5); Humanismo radical (1)
RS interna	Individual (2); Institucional (4); Organizacional (3)	Éticas (1); Integradoras (8)	Gerenciais (3); Relacionais (6)	Funcionalista (9)
Total	Institucional (111); Organizacional (42); Individual (11)	Integradoras (105); Instrumentais (35); Éticas (17); Políticas (7)	Relacionais (94); Utilitaristas (35); Gerenciais (35)	Funcionalista (147); Interpretativismo (7); Estruturalismo radical (6); Humanismo radical (4)

Quadro 5 - Perfil Teórico da Produção Acadêmica Brasileira de RSC**Fonte:** Dados da Pesquisa.

Os estudos de RSC em vários níveis ainda são relativamente escassos e apontam para a conveniência de pesquisas futuras. Os poucos estudos existentes demonstram que uma lente multinível pode produzir insights mais ricos do que uma lente de nível único, Bansal & Roth (2000) consideraram fatores de nível institucional, nível organizacional e nível individual para entender por que as empresas se tornaram responsivas às preocupações ecológicas, oferecendo um modelo mais rico de responsividade ecológica corporativa em comparação com outros estudos. Aguinis & Glavas (2012) ressaltam que a RSC é geralmente estudada a partir de um nível de análise de cada vez, em que os pesquisadores adotam principalmente o nível macro (institucional ou organizacional) em comparação com o nível micro (ou seja, nível individual). Sobre isso, os autores enfatizam haver a necessidade de uma revisão multinível e multidisciplinar, em que a vasta e diversificada literatura existente possa ser integrada e sintetizada de maneira coerente e abrangente.

Nota-se nesse sentido, no contexto nacional, uma predominância de pesquisas sobre a lente do **nível de análise** institucional (67,7%), a qual trata do estudo das ações, influência das ações e dos *stakeholders*, e do impacto das forças institucionais, tais como regulamentações, padrões e certificados que afetam a extensão e os tipos de políticas e ações de RSC (Aguinis & Glavas, 2012). Já o interesse pelo nível organizacional (25,6%), partindo de diferentes estruturas teóricas, como a visão baseada em recursos da firma (Aguinis & Glavas, 2012). Cabe destacar que certa proximidade entre os dados encontrados no contexto brasileiro em relação aos estudos internacionais, diante do nível individual da RSC (6,7%), o qual trata dos motivos que influenciam o engajamento em práticas de RSC, tais como alinhamento com os valores pessoais e preocupações com assuntos relacionados à sustentabilidade (Aguinis & Glavas, 2012).

Para traçar um comparativo entre o cenário brasileiro e os estudos internacionais, toma-se como base os estudos de Aguinis & Glavas (2012), que diante da revisão de 588 artigos de periódicos e 102 livros publicados de 1970 a 2011, constataram que 4% dos estudos foram em nível individual, 57% em nível organizacional, 33% em contexto institucional e 5% dois ou mais níveis. Corroborando com essa análise, Bansal & Gao (2006) descobriram que dos 79 artigos publicados em periódicos de gestão de alto *status* entre 1995 e 2005, estudos 6% estavam no nível individual, 43% no nível organizacional, 22% no nível macro como o contexto institucional ou uma determinada indústria, e 19% de níveis cruzados. Dada a amplitude dessa literatura, identifica-se um grande espaço para revisar estudos que examinam antecedentes e consequentes, no que trata da diferença encontrada entre os níveis institucional e organizacional no contexto nacional e internacional.

No que se refere à **abordagem teórica**, a mais utilizada pelos autores brasileiros desde 2011 tem sido amplamente dominado por um grupo de teorias que consideram que as organizações devem integrar as demandas sociais (64%), argumentando que a existência, a continuidade e o crescimento dos negócios dependem da sociedade, o que constitui, de forma ampla, quatro arcabouços conceituais: (i) *issues management*. (ii) princípio da responsabilidade compartilhada; (iii) gestão de *stakeholders*; e, (iv) performance social (Garriga & Mele, 2004). Segundo Garriga & Melé (2004), as teorias integradoras buscam analisar de que forma as organizações integram as demandas sociais das quais dependem a sua existência, continuidade e crescimento, interagindo com a sociedade e garantindo, dessa forma, legitimidade e prestígio. Em consonância com estes achados, as organizações, na maioria dos estudos (57%), têm assumido um **papel** relacional (Secchi, 2007). Isto é, o foco central reside nas relações complexas entre a empresa e o meio, assumindo nuances relativas à gestão e ao diálogo entre *stakeholders*, cidadania corporativa e ao contrato social (Secchi, 2007).

Estas abordagens teóricas, assim como as referentes ao papel dado a organização nos artigos, reflete, sobretudo, o *mainstream* teórico da pesquisa em RSC, atrelado a Teoria dos *Stakeholders*, que vem sendo o grande subsídio teórico para estudos que partem de perspectivas interacionistas entre organização e sociedade. Post, Preston & Sachs (2002) asseveram que uma compreensão ampliada acerca das relações entre a organização e a sociedade deve ser conduzida por meio da teoria dos *stakeholders*. Neste sentido, a teoria dos *Stakeholders*, seja em uma perspectiva mais tradicional ou voltada ao diálogo, tem sido extensivamente utilizada por autores que tratam sobre a sustentabilidade e sua interface com as organizações, o que faz com que o debate acerca do comportamento socialmente responsável das empresas seja realizado em torno das relações estabelecidas pelas organizações com seus mais diversos *stakeholders*.

Por fim, buscou-se compreender a partir de que **perspectiva paradigmática** os pesquisadores brasileiros estudam o fenômeno. Neste sentido, este estudo apoiou-se na classificação proposta por Burrell & Morgan (1979), a qual apresentam sua proposta com base em dois eixos extremos: filosofia da ciência e teoria da sociedade. Representam-se quatro quadrantes distintos que se referem a visões de mundo e da realidade social, a saber, funcionalista, interpretativista, humanista radical e estruturalista radical. Em relação aos quadrantes, os inferiores dizem respeito à sociologia, à regulação, ou seja, ao funcionalismo e ao interpretativismo. O primeiro defende a objetividade e o segundo, a subjetividade. Os quadrantes superiores dizem respeito à sociologia da mudança radical, ou seja, ao

estruturalismo radical, vertente objetiva, e ao humanismo radical, vertente subjetiva. O primeiro eixo diz respeito aos aspectos objetivos e subjetivos da realidade, enquanto o segundo diz respeito à postura da sociedade em relação à mudança radical. Com base nesta classificação, emergem quatro paradigmas de análise organizacional, tais sejam: o funcionalismo, o estruturalismo, o humanismo radical e o interpretativismo.

Segundo Morgan (2005), o paradigma funcionalista está voltado a dar explicações racionais às questões sociais, uma vez que a sociedade tem existência concreta e real, e um caráter sistêmico orientado para produzir um sistema social ordenado e regulado. O paradigma estruturalista, baseia-se na visão da sociedade como uma força potencialmente dominante, estando ligada a uma concepção materialista do mundo social, definido por estruturas sólidas, concretas e ontologicamente reais. Quanto a abordagem do humanismo radical, o autor argumenta representar um processo de criação da realidade, que pode ser influenciado por processos físicos e sociais que canalizam, restringem e controlam a mente dos seres humanos de maneira a aliená-los em relação às potencialidades inerentes à sua verdadeira natureza de seres humanos. Por sua vez, o paradigma interpretativista é baseado na visão de que o mundo social possui uma situação ontológica duvidosa, e o que se passa como realidade social não existe em qualquer sentido concreto, mas é um produto da experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos (Morgan, 2005).

Diante dessas construções paradigmáticas, pode-se afirmar que produção científica brasileira em RSC, no período compreendido entre 2011-2017, é realizada dentro das bases do paradigma funcionalista (90%), fortemente enraizada na sociologia da regulação, focalizando um ponto de vista objetivista. Tal resultado é, de certa forma, coerente com os achados até então obtido, no que tange aos interesses dos estudos, nos principais temas abordados e nas bases teóricas utilizadas pelos pesquisadores brasileiros. Ainda, é amplamente conhecido por teóricos e pesquisadores da área de administração de que teoria das organizações foi e ainda é eminentemente construída sobre a égide do pensamento funcionalista. Tal perspectiva pode ser vista conforme três pontos centrais: (i) as empresas consideradas como a principal unidade de análise; (ii) a busca e a construção de um sistema unificado integrador e mensurável; (iii) a relação de RSC com a performance financeira (Gond & Matten, 2007).

Assim, não parece surpreender o fato de a perspectiva que trata as RSC enquanto uma função social, não somente aparecer em grande maioria no total de artigos levantados no período, mas, também, em praticamente todas as categorias de objetivos. Gond & Matten (2007) asseveram que os conceitos e teorias retratam as empresas como necessidades sociais da sociedade em determinado período, daí o motivo de ser vista como função social, um

dispositivo regulador para gerir a interface com a sociedade, bem como para unir objetivos societais e corporativos. Esta perspectiva é orientada para a estabilidade e não admite mudanças sociais, sendo a RSC entendida como um fenômeno ‘tido como certo’, portanto, facilmente mensurável por meio de dados quantitativos. Neste sentido, as únicas exceções se deram em relação aos trabalhos que tinham por objetivo o estudo de parcerias, em que se admitiu uma perspectiva sociocognitiva; e aqueles que se interessaram em formas de engajamento, que buscaram perspectivas de referentes às relações de poder.

Defende-se ainda, a percepção Suddaby (2014), quando este afirma que a acumulação de conhecimento simplesmente não pode ocorrer sem uma estrutura conceitual. Quando as estruturas explícitas são empurradas para o fundo, a teoria se torna implícita. Essas teorias implícitas são inerentemente perigosas, pois desencorajam os pesquisadores de fazer perguntas fundamentais sobre os pressupostos que sustentam o conhecimento e os métodos usados para adquirir o conhecimento. Acredita-se que a teorização é um elemento essencial de como entendemos o mundo (Weick, 1995), e os dados acumulados aleatoriamente são, como Coase (1988) observou criticamente, nada além de "uma massa de material descritivo, à espera de uma teoria ou de um incêndio".

5. Conclusões e recomendações

A corrente que predomina no campo da RSC abrange a ideia de que este conceito está, ao menos em parte, atrelado às expectativas sociais do ambiente nas quais as organizações encontram-se, exigindo que elas reconheçam que não operam apenas em um universo de acionistas, mas dentro de grandes redes de recursos financeiros, membros políticos e sociais, os quais exercem pressão sobre elas (Maon, Lindgreen & Swaen, 2010). Contudo, como característica dominante em muitos campos temáticos dos estudos organizacionais, o dissenso acerca das práticas, conceitos, e metodologias de RSC ainda é marcante na literatura, ainda que as definições mais antigas datem de 1950 (Carrol & Shabana, 2010). Neste sentido, Hopkins (2003) adverte que, sem o estabelecimento de uma linguagem comum, não se pode determinar se o diálogo entre organização e sociedade está sendo ouvido e interpretado de forma consistente. Desta forma, o autor aponta como possível solução para esse o dissenso no campo temático, a compreensão das correntes teóricas, e a definição das orientações paradigmáticas que embasam os múltiplos conceitos. Neste sentido, o presente estudo foi desenvolvido tendo como objetivo traçar o perfil teórico e metodológico da produção acadêmica brasileira sobre Responsabilidade Social Corporativa, no período compreendido entre 2011 a 2017.

Percebe-se que a literatura vem seguindo uma abordagem mais tradicional. Seja pela definição dos objetivos de pesquisa, seja pelas metodologias utilizadas. Contudo, tal afirmação se mostra mais evidente quando se analisa os aspectos relacionados ao perfil teórico e as perspectivas que embasam os estudos. Em relação ao perfil teórico, as perspectivas que partem do arcabouço da Teoria dos *Stakeholders* são o traço marcante, assim como a utilização de um único nível de análise. Análises anteriores mostram que a literatura em RSC, entretanto, precisa assumir novas perspectivas teóricas e metodológicas em direção a modelos que busquem integrar os três níveis de análise Institucional, Organizacional e Individual – em *frameworks* integrados (Aguinis & Glavas, 2012; Athanasopoulou & Selsky, 2012). Tais achados são coerentes com a perspectiva adotada pela grande maioria dos estudos, definida, segundo a classificação utilizada (GOND; MATTEN, 2007) como função social, que reflete o predomínio da perspectiva funcionalista. Tal quadro é condizente com o ocorrido em outros campos dos estudos organizacionais no contexto nacional (vide Peci, 2006; Caldas, Tonelli & Lacombe, 2002; Barin-Cruz & Pedrozo, 2008). As teorias administrativas, assim, estão assentadas em uma visão de mundo Utilitarista, na qual se percebe a hegemonia dos valores econômicos sobre os valores humanos (Ramos, 1984). A relação com a sociedade, neste contexto, é distante, funcional e ditada pelas relações de mercado (Campos et al., 2016). O *mainstream* de RSC, ou seja, a linha funcionalista de estudos tem se desenvolvido com base em fundamentos desenvolvidos em contextos de mercados de economia liberal, em países desenvolvidos (Richter, 2010).

Um risco que tal perspectiva encerra reside no aspecto advertido por Sanders (2012). Conforme este autor, a mera transposição de práticas bem-sucedidas em países desenvolvidos para países emergentes e em desenvolvimento é uma falácia que coloca em risco a própria política de responsabilidade social da organização como um todo. As práticas de RSC em países emergentes e em desenvolvimento ainda é, portanto, um processo em construção, baseado, em muitos casos, em valores culturais fortemente arraigados e na preocupação com as comunidades locais (Amaeshi & Adi, 2007; Amaeshi, Osuji & Nnodim, 2008; Jamali & Mirshak, 2007; Jamali & Neville, 2011). Gond & Matten (2007) defendem que é necessário que a pesquisa e a teoria em RSC avancem para além dos limites desta perspectiva.

Ainda, urge a necessidade de os pesquisadores brasileiros ingressarem em agendas de pesquisas mais audaciosas no que tange à definição de um conceito das práticas e da atuação das empresas e organizações nacionais em relação à RSC. Refere-se a buscar integrar perspectivas teóricas e metodológicas que estejam para além dos limites do paradigma funcionalista. Para além de uma possível lacuna de pesquisa (e, assim, uma oportunidade para

a publicação acadêmica) reside aqui a responsabilidade social dos pesquisadores em si, em fazer deste tema um espaço para dar voz aos anseios, expectativas e críticas da sociedade acerca das suas organizações.

Referências

Aguinis, H.; Glavas, A. (2012). What we know and don't know about corporate social responsibility: a review and research agenda. *Journal of Management*, 38(4), 932–968.

Amaeshi, K. M.; Adi, B. (2007). Reconstructing the corporate social responsibility construct in Utlish. *Business Ethics: A European Review*, 16(1), 3-18.

Amaeshi, K. M.; Osuji, O. K.; Nnodim, P. (2008). Corporate social responsibility in supply chains of global brands: A boundaryless responsibility? Clarifications, exceptions and implications. *Journal of Business Ethics*, 81(1), 223-234.

Athanasopoulou, A.; Selsky, J. W. (2012). The Social Context of Corporate Social Responsibility: Enriching Research With Multiple Perspectives and Multiple Levels. *Business & Society*.

Bansal, P.; Gao, J. (2006). Building the future by looking to the past examining research published on organizations and environment. *Organization & Environment*, 19(4), 458-478.

Bansal, P.; Roth, K. (2000). Why companies go green: A model of ecological responsiveness. *Academy of Management Journal*, 43(4), 717-736.

Bansal, P.; Song, H.C. (2017). Similar but not the same: Differentiating corporate sustainability from corporate responsibility. *Academy of Management Annals*, 11(1), 105-149.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5a ed. São Paulo: Edições 70, 2014.

BARIN CRUZ, L.; PEDROZO, E. A. Pesquisas de concepção como uma alternativa para o campo da estratégia. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, 9(4), 2008.

BOWEN, H.; R. **Social responsibility of the businessman**. New York, NY: Harper. 1953.

Burrell, G.; Morgan, G. (1979). *Sociological Paradigms and Organisational Analysis*. Elements of the Sociology of Corporate Life. Vermont: Ashgate.

Caldas, M. P.; Tonelli, M. J.; Lacombe, B. M. B. (2002). Espelho, espelho meu: meta-estudo da produção científica em recursos humanos nos ENANPADs da década de 90. Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 16.

Campos, S. A. P.; Palma, L. C.; Becker, D. V.; Pedrozo, E. A. (2016). A Contribuição dos Pressupostos Epistemológicos da Teoria da Complexidade para o Estudo das Organizações. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, 5(2), 190-212.

Carroll, A. B. (1999). Corporate social responsibility evolution of a definitional construct. *Business & society*, 38(3), 268-295.

Carroll, A. B.; Shabana, K. M. (2010). The Business Case for Corporate Social Responsibility: A Review of Concepts, Research and Practice. *International Journal of Management Reviews*, 12(1), 85-105.

Drucker, P. F. (1954). *The practice of management*. New York, NY: Harper & Row.

FREire, R; Santos, S. R. O.; Souza, M. J. B.; Rosseto, C. R. (2008). Responsabilidade social corporativa: evolução da produção científica. In: *Congresso nacional de excelência em gestão: Responsabilidade Socioambiental das Organizações Brasileiras*. RJ: Niterói.

Frynas, J. G; Yamahaki, C. (2016). Corporate social responsibility: review and roadmap of theoretical perspectives. *Business Ethics: A European Review*, 25(3), 258-285.

Garriga, E.; Melé, D. (2004). Corporate social responsibility theories: mapping the territory. *Journal of Business Ethics*, (53), 51-71.

Gond, J. P.; Matten, D. (2007). Rethinking the business-society interface: beyond the functionalist gap. *ICCSR Research Paper Series*, Nottingham University Business School, 47.

Goulart, S. Carvalho, C. A. (2005). O pesquisador e o Design da Pesquisa Qualitativa em Administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. *Pesquisa Qualitativa em Administração*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Hopkins, M. (2003). The business case for CSR: where are we? *International Journal of Business Performance Management*, 5(2), 125-140.

Jamali, D.; Mirshak, R. (2007). Corporate social responsibility (CSR): Theory and practice in a developing country context. *Journal of Business Ethics*, 72(3), 243-262.

Jamali, D.; Neville, B. (2011). Convergence versus divergence of CSR in developing countries: an embedded multi-layered institutional lens. *Journal of Business Ethics*, 1-23.

KUHN, T. S. (2012). *The structure of scientific revolutions*. Chicago, IL: University of Chicago Press. 1962.

Laplume, A. O., Sonpar, K.; Litz, R. A. (2008). Stakeholder theory: reviewing a theory that moves us. *Journal of Management*, 34(6), 1152–1189.

Lindgreen, A.; Swaen, V.; Maon, F. (2009). Introduction: Corporate social responsibility implementation. *Journal of Business Ethics*, 85, 251-256.

Lockett, A.; Moon, J.; Visser, W. (2006). Corporate social responsibility in management research: Focus, nature, salience and sources of influence. *Journal of management studies*, 43(1), 115-136.

Maon, F.; Lindgreen, A.; Swaen, V. (2010). Organizational Stages and Cultural Phases: A Critical Review and a Consolidative Model of Corporate Social Responsibility Development. *International Journal of Management Reviews*, 12(1), 20-38.

Marcus, J.; Kurucz, E. C.; Colbert, B. A. (2010). Conceptions of the business–society–nature

interface: Implications for management scholarship. *Business & Society*.

Morais, M.C.A.; Valadares, J. L., Emmenoderfer, M. L. (2013). Meta-Análise da Produção Científica Internacional sobre Empreendedorismo no Setor Público: O que tem sido escrito acerca disso? *Anais XXXVII ENANPAD*, Rio de Janeiro.

Moretti, S, Campanário, M. (2009). A produção intelectual brasileira em Responsabilidade Social Empresarial: RSE sob a ótica da bibliometria. *RAC*, 13(Especial), 68-86.

Morgan, G. (2005). Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. *RAE*, 45(1), 58-71.

Nassif, V. M. J.; Silva, N. B.; Ono, A. T.; Bontempo, P. C.; Tinoco, T. (2009). Empreendedorismo: Área em Evolução? Uma Revisão dos Estudos e Artigos Publicados entre 2001 e 2008. *Anais do XXXIII ENANPAD*, São Paulo.

Nicolopoulou, K. (2011). Towards a theoretical framework for knowledge transfer in the field of CSR and sustainability. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, 30(6), 524-538.

Peci, A. (2006). A nova teoria institucional em estudos organizacionais: uma abordagem crítica. *Cadernos Ebape. br*, 4(1), 1-12.

Pfeffer, J. (1993). Barriers to the advance of organizational science: Paradigm development as a dependent variable. *Academy of Management Review*, 18(4), 599-620.

Post, J. E.; Preston, L. E.; Sachs, S. (2002). Managing the extended enterprise. *California Management Review*, 45(1), 6-28.

Ramos, G. A. (1984). Modelos de Homem e Teoria Administrativa. *Revista de Administração Pública*, 19(2), 3-12.

Remenyi, D.; Williams, B.; Money, A.; Swartz, E. (1998). *Doing research in business and management: an introduction to process and method*. London: Sage Publications.

Richter, U. H. (2010). Liberal thought in reasoning on CSR. *Journal of Business Ethics*, 97(4), 625-649.

Secchi, D. (2007). Utilitarian, managerial and relational theories of corporate social responsibility. *International Journal of Management Reviews*, 9(4), 347-373.

Suddaby, R. (2014). 'Editor's comments: Why theory?' *Academy of Management Review*, 39(4), 407-411.

Taneja, S. S.; Taneja, P. K.; Gupta, R. K.(2011). Researches in corporate social responsibility: A review of shifting focus, paradigms, and methodologies. *Journal of Business Ethics*, 101(3), 343-364.